

## Lugar de TV velha é na reciclagem

1 de março de 2010 | Por Filipe Serrano



Foto: VALÉRIA GONÇALVEZ/AE

André Luiz Saraiva é diretor de responsabilidade socioambiental da Associação Brasileira da Indústria Elétrica e Eletrônica (Abinee) e relator do grupo de trabalho do Conselho Nacional do Meio Ambiente (Conama) que está produzindo uma resolução para regulamentar o descarte de lixo eletrônico no Brasil.

Ele falou ao *Link* sobre o problema do descarte de TVs no País e sobre o alerta da ONU, na semana passada, que apontou o lixo eletrônico como um problema grave para países em desenvolvimento no futuro. Abaixo, a entrevista completa.

### **Como você avalia o alerta da ONU ao aumento do lixo de produtos eletroeletrônicos?**

O relatório deveria dividir a sua fala porque há três setores diferentes: o da linha branca, o da linha marrom e o da linha verde. A linha branca é fogão, geladeira, microondas, máquina de lavar, máquina de secar. São os equipamentos brancos de uma casa. Na linha marrom entra TV, DVD, som, videocassete. E depois nós temos a linha verde, que chamamos de TIC, Tecnologia da Informação e Comunicação. São computadores, notebooks, desktops, palms e celulares.

### **Por que deveria ser dividido?**

Para dar a César, o que é de César. Porque cada um grupo tem atores diferentes que geram insumos também diferenciados. A mesma sociedade que compra um eletrônico é responsável pelo lixo e imputa ao fabricante uma responsabilidade no pós-consumo. Quando o consumidor compra um aparelho Blu-Ray não procura saber se ele economiza energia em stand-by. Ele não quer saber se o produto atende à diretiva RoHS, que limita o uso de substâncias perigosas, ou se existe um programa de devolução ao fim da vida útil. Ele procura um Blu-Ray que vai reproduzir a imagem com maior pontos de definição. E dentro dessa característica, o consumidor ainda quer o mais barato.

### **Mas o que o consumidor quer não exclui o problema.**

Lógico que exclui. Setenta por cento dos equipamentos reinseridos por programas de reciclagem, como o da USP, não foram produzidos por nenhum fabricante do País. Todos ingressaram por outro caminho. São todos gabinetes de computadores importados cujos fabricantes e importadores não estão sediados no País. E o consumidor quando quis comprar sabia exatamente o que estava fazendo. Quando a pessoa vai no Stand Center comprar um pen drive, desbloquear o Playstation, sabe bem o que está fazendo. E agora dizem que a indústria é culpada desse mal. É isso que o relatório não aponta.

Estamos falando de anistiar uma sociedade que sonegou impostos para um entretenimento somente seu, para ter um computador em casa. E no fim da vida útil a sociedade olha para a indústria e diz que a indústria não está fazendo nada e diz o que a indústria precisa fazer. Você pega lista de filiados da Abinee, Dell, HP, IBM.. No site de todas as empresas você vê que elas têm o seu programa de devolução de produtos.



Foto: Divulgação

**Independentemente disso ainda há um problema do descarte.**

Então vamos lá. O governo compra 40% do que a indústria produz, mas o governo compra pelo menor preço, de empresas que não têm responsabilidade no pós-consumo. Chega a ser desumano fazer a acusação: “o relatório da ONU aponta que em 2020 o Brasil pode se tornar uma grande pilha de eletroeletrônico”.

Quando o Brasil escolheu o sinal digital, foi levantado como capacitar a indústria, por meio de pesquisas, por meio da academia, para saber o que fazer com o passivo histórico, que são as TVs antigas? Foi criado algum centro de reciclagem para os produtos que foram sendo desativados? Não. O Brasil não pensou nisso. O Brasil só pensou em mudar o padrão, achando que a indústria teria capacidade de produzir televisores com o decodificador, e que isso traria um incremento nas vendas. Ninguém pensou para trás. Agora a sociedade olha para a indústria e pergunta o que fazer com as TVs velhas. Pergunta para o ministro Hélio Costa.

**No Brasil há empresas de reciclagem de TV?**

Não. Não temos tratamento de tubo aqui no Brasil porque requer um tratamento especial. Você teria que tirar o vidro, teria de moer, tem de separar o óxido.

**E como esse problema vem sendo discutido no grupo de trabalho do Conama?**

Há uma série de Estados, por meio de políticas estaduais, querendo acertar o assunto do eletroeletrônico. E o que nós vimos, em termos de legislativo, foi um horror. Então a Abinee tentou montar processo de adequação. Em Minas houve um grupo que na regulamentação do lixo eletrônico se baseou na diretiva WEEE. A gente se debruçou para que o resultado desse grupo de trabalho fosse para o Conama para a gente discutir uma resolução de cumprimento nacional. Senão vamos ter 27 comportamentos diferentes de eletroeletrônico no pós-consumo.

**Já se chegou a alguma conclusão?**

O grupo começou agora. Nós temos 120 dias. Há um texto preliminar e nós dividimos os grupos de trabalho em três etapas, conforme um conceito da ABNT. Separamos os importadores, os fabricantes e o comércio em um, o governo e a academia em outro, e os recicladores e transportadores no terceiro. Então nós temos três grupos trabalhando o mesmo texto e fazendo o ajuste final. E eu sou o relator desse trabalho. A próxima reunião nossa é dia 12 e 13 de maio. Vai ser a unificação dos três produtos desses grupos de trabalho.

**O Brasil ainda consome mais TV de tubo do que LCD. Imaginando um cenário com sinal analógico sendo substituído pelo digital, o futuro é ainda mais preocupante?**

Acho que vai haver um processo de desaceleração de vendas de tubo e essa substituição passa a ser gradativa. O que eu não vejo ser discutido é a cadeia reversa. Não vejo um centro de estudo, centros de pesquisas em universidades, trabalhando sobre a recuperação desse material, ou nenhuma usina sendo construída no País.

### **Por que não acontece?**

Ninguém ainda entrou nesse assunto. Talvez não tenha escala. A velocidade de produção de uma usina no País talvez não tenha volume. E, com ela implementada e o assunto resolvido, é uma indústria que morre.

Quando a ONU trata do assunto, faz de uma forma marginal. Ela se baseia em números de censos que perguntam às pessoas a quantidade de eletroeletrônicos que elas têm em casa. Então ela multiplica o dado pelo número de habitantes e divide pelo tempo de vida útil do aparelho, que em média dá oito anos. Aí ela calcula 1,7 kg, por exemplo, para cada cidadão. A partir da taxa de crescimento de um País ela diz: “em 2020 vamos ter uma montanha de lixo”. A conta é burra, desculpa.

### **Por que burra?**

É burra porque não mede o tratamento do material que está sendo feito. Ela só mede a quantidade de produto que vai estar disponível no mercado.

### **E qual é o problema?**

Você não trabalha a conta reversa do assunto. Qual a quantidade de material que será reciclada para cada um dos itens que ela diz que vai virar lixo? Ela só se baseia nos aparelhos que ainda estão na sua sala.

### **Mas se não há uma cadeia de reciclagem nos países pesquisados, é isso que vai acontecer mesmo, não?**

É, e se você não capacitar a sociedade, se não tiver um programa de educação ambiental, não adianta olhar só para a indústria para resolver o problema. A solução é integrada.

### **Por que capacitar a sociedade?**

O código de defesa do consumidor imputa uma responsabilidade ao fabricante, mas diz que a titularidade do bem está com o consumidor. Só que, no fim da vida útil, o consumidor não devolve a televisão ao fabricante, ele dá a televisão para o zelador, ou leva para o sítio, ou dá para a tia, ou dá para a empregada. Concorde que você quebra a cadeia? A empregada tinha uma televisão velha e entrega para a vizinha. E a televisão mais velha que a vizinha tinha, vai parar no lixo.

A ponta menos esclarecida da sociedade está com a responsabilidade mais importante, que é a devolução do produto. E aí a geladeira, a televisão vai para o rio. Foi o cidadão que jogou lá. Aí dizem que o cidadão jogou lá porque a indústria não tem programa de devolução. Por que a primeira pessoa não entregou a TV de volta na assistência técnica? Porque ele comprou de um fabricante que não tem assistência técnica no Brasil. Ele foi para o Paraguai e trouxe um notebook. Nós temos de implementar um processo de educação.

**A conta da ONU indica que o Brasil produz 0,7 kg por habitante em um ano de lixo gerado por TVs jogadas fora, em uma proporção igual à da China. Acha exagerado?**

Quando você trabalha na métrica, não acho exagerado. Eu só acho que falta o contraponto daqueles produtos que já foram produzidos e reciclados.

**A ONU também afirma que a reciclagem de eletrônicos feita no Brasil não é sustentável. Você concorda?**

Acho que ela é sustentável, mas não é suficiente. Acho que no Brasil a gente tem uma série de produtos de alto valor que em vez de ficar aqui são exportados. E o Brasil tem de prestar muita atenção porque em diversas feiras você vê executivos estrangeiros querendo comprar material de eletroeletrônicos. Essa febre desenfreada de realizar mutirões para devolver produtos velhos, é porque alguém está enchendo containers no Brasil e mandando para fora.

**Atualmente o que é reciclado no Brasil?**

Hoje há uma indústria que recebe o material e tenta reutilizar as partes e peças que ainda funcionam, placas, circuitos, memória, como acontece em lojas da região da rua Santa Ifigênia. Outra forma é a trituração e a exportação do material. Hoje o Brasil não tem tecnologia instalada para a recuperação de placa. Então todo mundo que trabalha no mercado, tritura as placas e vende para a Bélgica, para a Alemanha, Canadá. E isso o relatório da ONU não cita, que os ganhos ambientais dos países que mais consomem ficam nos países desenvolvidos. A ONU olha para a Europa e vê empresas que reciclam e recuperam a platina, o ouro, a prata. E olha para os emergentes e toca o terror dizendo que a região vai virar uma pilha de eletroeletrônico. Agora, você não vê ninguém da Europa vindo buscar monitor para reciclar.

**Nada é processado no Brasil?**

Não, nada. Quem faz isso, faz de forma incipiente. O que nós temos avançado é na recuperação de plástico, de fios, cabos. Agora, a parte mais nobre do negócio é exportada.

**Como estimular que a reciclagem seja feita aqui?**

Hoje nós não temos escala porque o computador passa de mão para mão. Nós temos a cultura de extrapolar a vida útil do produto. Primeiro precisamos pensar que se uma TV tem uma vida útil de 4 anos, no fim de quatro anos, não vai ser reinserida em lugar nenhum, vai ser reciclada.

Fonte: <http://blogs.estadao.com.br/link/lugar-de-tv-velha-e-na-reciclagem/>